A defesa da Europa é a defesa da democracia

Os europeus esperam que a UE os proteja. Que proteja não só a sua segurança, mas também o seu modelo de sociedade e a sua democracia.

Nuno Severiano Teixeira | *Público* | 2 de Abril de 2025

Os europeus estão com medo e querem que a Europa os proteja. No último Eurobarómetro, a primeira prioridade em que querem que a UE se concentre no futuro é a segurança e a defesa (36%). Só depois vem a competitividade da economia (32%). Mas, mais do que isso, dois terços dos europeus querem que a UE desempenhe um papel mais importante para os proteger das ameaças externas e dos riscos globais (66%). E mais de três quartos querem dar à UE mais meios para fazer face a esses desafios internacionais (76%). Em Portugal, esse número sobe, mesmo, para 85%.

É uma dupla tomada de consciência dos europeus: da vulnerabilidade da sua segurança; e da importância da UE para os proteger. Não admira. A Europa esteve, nos últimos anos, sob duas ondas de choque geopolítico. Primeiro, a invasão russa da Ucrânia (https://www.publico.pt/guerra-ucrania), que trouxe de volta ao continente europeu o expansionismo territorial, a ameaça militar clássica e a guerra imperialista que julgávamos banida desde o fim da Segunda Guerra. Depois, o regresso da administração Trump e da política externa MAGA: a confirmação de que a Europa não é prioridade; a ideia confrontacional no comércio e nas tarifas; a interferência aberta na política interna dos europeus; mas, sobretudo, a brutal concepção transaccional da NATO e a declaração, preto no branco, de que os EUA não vão proteger a Europa. É o fim da relação transatlântica tal como a conhecemos e que foi o fundamento da segurança europeia durante oito décadas.

É uma administração americana que se mostra amiga do inimigo e inimiga dos aliados. Mas, para a Europa, não é só e em simultâneo, a ameaça russa e a ruptura transatlântica. É, mais do que isso, o regresso da política de potência e das velhas esferas de influência. Agora, divididas entre uma potência autocrática a leste e uma potência em autocratização a ocidente. Está em causa, para a Europa, não só a defesa do território, mas, sobretudo, a defesa de um ideal político e de um modelo de sociedade.

A Europa terá que assegurar a sua autonomia estratégica para a dissuasão e a defesa colectiva do seu território, mas, mais do que isso, para proteger os seus cidadãos das ameaças e riscos externos: da coerção económica e comercial, da interferência política e das ameaças híbridas. É por isso que a defesa da Europa é hoje a defesa da democracia e do Estado social.

Nesse sentido, a UE tem vindo a dotar-se de um conjunto de instrumentos que lhe permita ganhar alguma autonomia estratégica: a Bússola Estratégica, em 2022; a Estratégia para a Base Industrial de Defesa, em 2024; e, recentemente, o programa ReArm Europe, já rebaptizado Prontidão 2030, e o Livro Branco para a Defesa Europeia.

São tudo passos importantes e no bom sentido. Mas sejamos claros. A UE tem capacidade para fazer operações militares e há mais de 30 anos que as faz. Mas operações de soft security, isto é, gestão de crises e operações de paz. Do que se trata agora é de hard security, ou seja, dissuasão nuclear e defesa colectiva. E isso só a NATO tem capacidade para fazer. Primeiro, porque, depois do "Brexit", a NATO é a única instituição que pode associar o Reino Unido à defesa europeia e a UE não pode dar-se ao luxo de prescindir da maior potência militar da Europa. Depois, porque há um conjunto de activos estratégicos que só os EUA detêm e têm disponibilizado aos aliados.

No imediato, a NATO continua a ser o instrumento fundamental para a defesa europeia. Mas os aliados europeus devem desde já e cuidadosamente planear o seu futuro: constituir um pilar europeu da NATO e pensar um eventual pós-NATO. Primeiro, construir um verdadeiro pilar europeu dentro da NATO, capaz de actuar com os EUA, ou sem os EUA, mas com todas capacidades NATO. Segundo, negociar no quadro da relação transatlântica um período de transição até que os europeus consigam constituir todos os activos estratégicos e capacidades militares necessárias à sua defesa. E, finalmente, caso os EUA optassem pela saída formal da Aliança, prever as alternativas possíveis: uma NATO *minus*, sem os EUA, mas com todos os aliados não UE; ou mesmo uma europeização da NATO. Precisa, para isso, não só de financiamento mas também de planeamento estratégico e consenso político. Uma coisa é certa, os europeus esperam que a UE os proteja. Que proteja não só a sua segurança, mas também o seu modelo de sociedade e a sua democracia. A UE tem os recursos para os proteger e a obrigação moral e política de o fazer.

https://www.publico.pt/2025/04/02/opiniao/opiniao/defesa-europa-defesa-democracia-2128155